



## OFICINAS LITERÁRIAS TEMÁTICAS: UMA METODOLOGIA PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO E A IMPLEMENTAÇÃO DA INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS

Fernanda Sacomori Cândido Pedro<sup>1</sup>

*Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE)*

Gilmei Francisco Fleck<sup>2</sup>

*Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE)*

Vilson Pruzak dos Santos<sup>3</sup>

*Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE)*

Matilde Costa Fernandes de Souza<sup>4</sup>

*Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE)*

### RESUMO

No presente artigo busca-se evidenciar como o ensino da literatura, no Ensino Fundamental, pode ser abordado desde uma perspectiva crítica, ampliando as leituras comuns e correntes com produções mais contemporâneas de cunho híbrido, crítico e descolonizador. Essas obras da literatura para jovens leitores, que são denominadas narrativas híbridas de história e ficção, aproximam-se do romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2017), o qual tem como premissa recontar a história a partir de visões periféricas. Nesse intuito, apresenta-se uma análise da obra *Os estrangeiros* (2012), de Marconi Leal, a fim de demonstrar que ela contempla as características comuns dessa modalidade do romance híbrido que, por apresentar os fatos históricos a partir da voz de personagens relegadas à margem do discurso historiográfico tradicional, contribui com outros saberes e com novos olhares para o nosso passado colonial. Também, com base na interdisciplinaridade (MENDOZA FILLOLA, 1994), sugere-se uma proposta didática de “Oficina Literária Temática”, na qual se utiliza a narrativa de Leal (2012), em diálogo com outras textualidades que versam sobre a temática da colonização, com ênfase na atuação dos padres Jesuítas. Conclui-se, a partir deste estudo, que o trabalho interdisciplinar – em especial nos possíveis diálogos entre história e literatura, contribui para a formação de leitores literários mais bem instruídos a respeito do seu passado de subjugação aos europeus e da manipulação da linguagem, enquanto instrumento ideológico de dominação.

**Palavras-Chave:** Literatura; História; Romance histórico contemporâneo de mediação; Leitor literário.

### RESUMEN

En el presente artículo se busca mostrar cómo la enseñanza de literatura, en la Educación Primaria, puede abordarse desde una perspectiva crítica, ampliando las lecturas comunes y corrientes con producciones más contemporáneas de carácter híbrido, crítico y descolonizador. Esas obras de la

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras pela Unioeste campus de Cascavel-PR. E-mail: fernandasacomori@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor e professor do curso de Letras da Unioeste, campus de Cascavel-PR. E-mail: chicofleck@gmail.com

<sup>3</sup> Doutoranda em Letras pela Unioeste, campus de Cascavel-PR. E-mail: wilsonpruzaksantos@gmail.com

<sup>4</sup> Doutoranda em Letras pela Unioeste campus de Cascavel-PR. E-mail: mcfernandes76@gmail.com



literatura para jóvenes lectores, que son denominadas narrativas híbridas de historia y ficción se aproximan de la novela histórica contemporánea de mediación (FLECK, 2017), que se basa en recontar la historia a partir de visiones periféricas. Con ese objetivo, se presenta un análisis de la obra *Os estrangeiros* (2012), de Marconi Leal, con el fin de demostrar que ella contempla las características comunes de esa modalidad de novela híbrida que, por presentar los hechos históricos a partir de la voz de personajes relegados al margen del discurso historiográfico tradicional, contribuye con otros saberes y con nuevas visiones para nuestro pasado colonial. Además, con base en la interdisciplinaridad (MENDOZA FILLOLA, 1994), se sugiere una propuesta didáctica de “Taller Literario Temático”, en el cual se utiliza la narrativa de Leal (2012), en diálogo con otras textualidades que versan sobre la temática de la colonización, con énfasis en la actuación de los padres Jesuitas. Se concluye, a partir de este estudio, que el trabajo interdisciplinar – en especial en los posibles diálogos entre historia y literatura, contribuye para la formación de lectores literarios mejor instruidos a respecto de su pasado de subyugación a los europeos y de la manipulación del lenguaje, como instrumento ideológico de dominación.

**Palabras clave:** Literatura; Historia; Novela histórica contemporánea de mediación; Lector literário.

## INTRODUÇÃO

Ao pensarmos na formação do leitor, julgamos importante refletir sobre o ensino de leitura, o qual ganha cada vez mais destaque no contexto letrado, que caracteriza a sociedade contemporânea, sobretudo a partir dos estudos psicolinguísticos que demonstram a importância da linguagem para o desenvolvimento sociocognitivo do sujeito. Nosso modelo de sociedade exige sujeitos que tenham um desempenho linguístico satisfatório para que consigam interagir, de forma ativa, num mundo mediado pela linguagem. Essa habilidade leva, também, ao exercício mais pleno da cidadania.

A respeito da importância da leitura para o sucesso escolar e social dos sujeitos, Fleck (2019, p. 60) menciona que ela estimula a “capacidade de abstração, instrumentalizando o indivíduo a lidar, de forma consciente, com outros códigos e linguagens com os quais terá, necessariamente, que se enfrentar ao longo de sua caminhada educacional.” Todavia, para atingir esse objetivo não basta ter, apenas, a habilidade de reconhecer os símbolos linguísticos e os codificar e decodificar; desenvolver a leitura nas suas múltiplas dimensões – sensorial, emocional e racional (MARTINS, 1994) – vai além da simples aquisição e domínio de um código, pois, entre outros aspectos, ela é um processo de construção de significados e atribuição de sentidos, os quais se potencializam quando o material de leitura é o texto literário.

No texto literário encontramos um discurso “[...] capaz de absorver todo tipo de formas de linguagem e de transformar as realizações linguísticas habituais no mundo comum – conhecidas como “gêneros primeiros” – em outras formas próprias da comunicação literária (COLOMER, 2007, p. 26). Nesse sentido o texto literário se configura em um material privilegiado para o ensino da Língua, pois como um “gênero segundo” ultrapassa a leitura enquanto função utilitária e explora as máximas potencialidades dessa prática humanizadora e, nas palavras de Colomer (2007), prepara-nos para ler melhor todos os discursos sociais. Assim, quando a escola busca a formação de leitores literários está proporcionando à sociedade sujeitos conscientizados do poder das palavras que, assim, conseguem conceber que a linguagem é um material manipulável.



De acordo com Colomer (2007), o mercado editorial voltado para o público infantil e juvenil, atualmente, está bastante diversificado e possui um sistema artístico completo que se caracteriza por obras de diversas categorias: obras de consumo, livros didáticos, livros de narrações sobre temas da atualidade, entre outros.

A respeito das temáticas sociais abordadas nas obras de literatura juvenil no século XXI, Luft (2011), em análise à premiação dessas obras, estabeleceu uma tipologia da literatura juvenil brasileira primeira década do século XXI, apresentando as tendências temáticas de algumas obras literárias juvenis publicadas no Brasil nos últimos anos. Dentre as temáticas, destaca-se a linha do romance histórico, que são narrativas elaboradas com base em fatos ou momentos históricos, a partir de dados registrados nos anais da história oficial, por meio dos artifícios da ficção.

No entrecruzamento dos discursos da história e da literatura surge o gênero romance histórico, que se constitui em um relato cujo equilíbrio entre o material histórico e os elementos ficcionais são adequados ao que se considera necessário para a obtenção de um romance, escrita ficcional artística. Em algumas de suas modalidades, esse gênero promove uma releitura crítica dos eventos do passado, a partir de uma perspectiva diferente daquela do discurso historiográfico hegemônico. Essa possibilidade se manifesta integrando, na tessitura narrativa, a liberdade que a ficção permite com os subsídios da história. Essa escrita literária híbrida, enquanto arte, possibilita a problematização dos discursos unívocos e hegemônicos do relato historiográfico ao incluir, em suas produções polissêmicas, as diferentes subjetividades e promover a reflexão sobre aspectos da realidade que não vemos presentes em registros do passado, considerados fontes históricas.

Nesse sentido, as escritas híbridas tornam-se um material privilegiado para a formação do leitor, haja vista que também são encontradas em versões voltadas ao público infantil, infantojuvenil e juvenil. Desse modo, elas representam alternativas que podem ser utilizadas no ensino escolar, tanto nas aulas de literatura, quanto para problematizar e ressignificar o ensino de história, no intuito da formação de um sujeito consciente sobre seu passado de subjugação aos europeus.

Segundo Colomer (2007), é função do ensino literário na escola instruir o aluno como fazer para entender um *corpus* de obras, a fim de que ele consiga participar, plenamente, da experiência literária e, ainda, possibilitar a construção do sentido e da interpretação pessoal de suas leituras. Nesse trabalho de mediação, encontra-se implícito a escolha do *corpus* que será objeto de estudo em sala-de-aula, o qual perpassa, em sua grande maioria, pela escolha do professor, que precisa, para isso, receber formação para tal. Dessa forma, o trabalho com “Oficinas literárias temáticas”, planejado por Zucki (2015), oferece uma alternativa metodológica que se desenvolve a partir de um tema gerador, o qual – sendo visualizado nas diferentes textualidades, literárias ou não –, permite ao leitor ampliar sua capacidade de compreensão e de estabelecer a relação desse tema com suas vivências.

Essa sequência de ações à abordagem ao texto tem como aporte teórico os estudos de Mendoza Fillola (1994, p. 26), o qual salienta que “*la lectura es el resultado de una interacción entre el texto y el lector, el producto de un diálogo en el que se negocia entre la coherencia interna del texto y la que el lector le atribuye*”<sup>5</sup>. Com essa afirmação, o autor destaca o que a teoria da recepção alude sobre a importância do leitor na construção dos significados do texto, o qual adapta a

---

<sup>5</sup> Nossa tradução. A leitura é o resultado de uma interação entre o texto e o leitor, produto de um diálogo em que se negocia a coerência interna do texto e aquilo que o leitor lhe atribui. (FILLOLA, 1994, p. 26).



informação recebida e lhe dá contornos de acordo com suas particularidades e conhecimentos prévios sobre a temática.

Desse modo, segundo o autor, a competência literária – conjunto de convenções para ler um texto literário –, ativa-se na percepção das intertextualidades presentes nos textos, ou seja, a formação do intertexto do leitor tem fundamental importância para a educação cultural, literária e comunicativa. Isso ocorre porque, de acordo com Mendoza Fillola (1994), é por meio da intertextualidade que se gestionam os saberes para que o leitor identifique as relações entre uma obra e outra. O autor assevera: *“a su vez, el intertexto del lector potencia la actividad de valoración personal a través del reconocimiento de conexiones y del desarrollo de actitudes positivas hacia diversas manifestaciones artístico-literarias de signo cultural”*<sup>6</sup>. (MENDOZA FILLOLA, 2010. p. 6). Assim, essas relações intertextuais se ativam na recepção da obra e promovem a construção de novos conhecimentos significativos de caráter linguístico e literário, os quais são necessários para o desenvolvimento da competência leitora e literária.

Com base nesse aporte teórico, na seção 1, a seguir, apresentamos a análise de uma narrativa híbrida de história e ficção que julgamos aproximar-se da modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação, descrita por Fleck (2017).

## **1 OS ESTRANGEIROS (2012), DE MARCONI LEAL: UMA POSSIBILIDADE DE LEITURA LITERÁRIA INTERDISCIPLINAR**

A implementação de leituras de narrativas híbridas de história e ficção infantis e juvenis brasileiras que sejam – ou que se aproximem – da modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação, desenvolvidas pelo professor no Ensino Fundamental, tem como intuito a formação de um sujeito conscientizado não só sobre o processo de manipulação da linguagem, mas, também, sobre o seu passado de subjugação aos europeus.

Assim, diante da possibilidade de explorar e analisar obras que sigam essa vertente de escrita literária destinada a crianças e a adolescentes, optamos em realizar uma leitura analítica sobre a obra *Os Estrangeiros* (2012), de Marconi Leal. Essa obra, entendida por nós como uma narrativa híbrida de história e ficção juvenil brasileira, permite ao leitor, em especial aquele que está em formação, vislumbrar novas perspectivas a respeito do nosso passado, nesse caso em tela, o princípio da colonização de país pelos portugueses e a catequização e a aculturação dos povos indígenas.

Desse modo, em primeira análise, verificamos que a obra de Leal (2012) é constituída por 127 páginas, nas quais contêm um enredo sobre a vida dos irmãos indígenas – Anhana, Nauru e Saru. A história começa relatando um ataque dos bandeirantes à aldeia em que vivem as três personagens protagonistas. No ataque, os irmãos fogem para a floresta e são encontrados por um homem, o qual, dizendo que os iria ajudá-los, os entrega para um padre jesuíta em troca de ouro, e ele acaba levando os meninos para uma das reduções jesuíticas. Ali, os meninos sofreram castigos e foram obrigados a trabalhar, aprender a língua dos portugueses e partilhar dos mesmos ritos religiosos que seus opressores.

---

<sup>6</sup> Por sua vez, o intertexto do leitor potencializa a atividade de valorização pessoal por meio do reconhecimento de conexões e do desenvolvimento de atitudes positivas em relação às diversas manifestações artístico-literárias do signo cultural. (FILLOLA, 2010. p. 6).



Após algum tempo de aprisionamento dos meninos nativos, um deles – Anhana –, que era mais velho, foi mandado para trabalhos forçados como escravo por não aceitar a imposição dos jesuítas. Já Nauru, o irmão do meio, mesmo não concordando com o que professavam os padres, arquitetou um plano de fuga para poder rever seu irmão mais velho e depois ir atrás de seus pais. Enquanto isso, Saru, o irmão mais novo, se rendeu ao estilo dos missionários, aprendendo a ler, escrever e a contar, seguindo exatamente o que objetivavam os membros da Companhia de Jesus (os estrangeiros).

No decorrer da história, os irmãos passam por muitas adversidades e aventuras, as quais revelam a coragem, a cautela e a racionalização dos meninos autóctones frente aos embates com os colonizadores. Com isso, essa obra permite ao leitor juvenil romper com seu horizonte de expectativas e desmistificar a ideia de passividade/docilidade dos nativos originários durante a colonização do Brasil.

A partir da leitura da obra de Leal (2012), buscamos analisá-la e aproximá-la da modalidade de romance histórico estabelecida por Fleck (2017), o romance histórico contemporâneo de mediação. Essa teoria literária possibilita o leitor em processo de formação compreender a manipulação da linguagem em relação ao discurso historiográfico e ficcional.

Ao propor o romance histórico contemporâneo de mediação, Fleck (2017) estabelece seis características que são possíveis de serem identificadas em uma narrativa histórica, mas nem sempre aparecem em sua totalidade em uma obra. Essas características podem ser observadas no nosso corpus de análise em tela, cujas escritas comparamos com as dessa modalidade do romance histórico. São elas (FLECK, 2017, p. 109-111):

A primeira característica evidencia uma releitura crítica verossímil do passado. Essa, segundo Fleck (2017), constitui-se em uma releitura crítica do passado, ou seja, não segue o padrão canônico europeu das modalidades clássica e tradicional do romance histórico voltado à exaltação dos heróis do passado. No entanto, essa releitura mantém o intuito da construção da verossimilhança – aproximação da ficção com uma suposta realidade. Ainda, nesse delineamento, o autor frisa a construção da ressignificação dos eventos históricos, trazendo elementos novos como, por exemplo, a voz enunciativa de personagens periféricos, secundários, ou seja, aqueles que não eram constituídos como sujeitos legitimados para enunciar um determinado acontecimento histórico. Essa característica podemos observar em alguns trechos da obra de Leal, tais como:

[...] Vocês atacaram a minha tribo. O homem franziu a testa, surpreso e respondeu: -Os bandeirantes, você quer dizer. São chamados de bandeirantes aqueles homens que invadiram sua aldeia. Não faço parte do grupo deles.” (LEAL, 2012, p. 19).

Nesse fragmento, a figura histórica dos bandeirantes<sup>7</sup> é apresentada ao leitor. Ainda, nota-se a expressão “invadiram” aos expedicionários, revelando uma releitura crítica ao passado. No segundo fragmento a seguir, visualizamos a presença de outras personagens historiográficas, os jesuítas:

---

<sup>7</sup> Os bandeirantes eram pessoas que, no início da colonização do Brasil, participavam das expedições desbravadoras pelo interior do país. Chamadas bandeiras, elas foram realizadas a partir do início do século XVII e por todo o século XVIII. Nessa época eram organizados dois tipos de expedições: as entradas, que eram expedições oficiais e começaram a ser feitas antes, no século XVI, e as bandeiras, que eram de iniciativa particular. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/bandeirante/483100>. Acesso em: 02 Mar. 2022.



Em primeiro lugar eles tinham um cacique, que era aquele senhor idoso e gorducho que haviam conhecido assim que chegaram. Depois, havia uma série de pajés, que se vestiam exatamente como o branco mais moço. Os brancos, ali, eram chamados de ‘jesuítas’<sup>8</sup>. Além deles, havia alguns homens negros. Estes ao contrário, do que Nauru pensara a princípio, não mandavam em nada, não tinham poder algum. Muito pelo contrário: faziam todo tipo de serviço na aldeia – colhiam, plantavam cozinham, limpavam, lavavam – e, apesar disso, eram tratados de forma bruta. (LEAL, 2012, p. 39).

Nesse trecho, o texto ficcional aproxima-se do historiográfico ao trazer os jesuítas e o povo negro escravizado. O leitor juvenil pode questionar o processo hierárquico dentro das reduções jesuíticas e a discrepância de tratamentos entre ambos os sujeitos de extração histórica.

Já a segunda característica é a presença de uma narrativa linear do evento histórico recriado. Fleck (2017) assinala que o romance histórico de mediação relata, de forma cronológica, os eventos históricos, mas sem deixar de manipular a temporalidade diegética, por exemplo, com avanços e retomadas no próprio percurso histórico das ações recontadas. No entanto, essas analepses e prolepses não propiciam grandes mudanças na linearidade da narrativa e, por isso, não dificultam a compreensão da diegese a um sujeito ainda em processo inicial de formação leitora. Dessa forma, constatamos essa característica presente no fragmento a seguir:

Os três se abraçaram novamente. E, pouco depois, se puseram a caminho. Seguiam juntos pelo meio da mata, para a nova aldeia dos Eçaraias. Fugiam para longe dos brancos, para longe da destruição que eles traziam. Procuravam ter de volta a paz que possuíam antes da chegada dos invasores. Uma paz que se tornava cada vez mais difícil de ser obtida. E que seria eternamente ameaçada pelo poderio dos estrangeiros. (LEAL, 2012, p. 127).

A linearidade presente na obra *Os estrangeiros* (2012) pode ser verificada com o início da invasão da tribo dos irmãos nativos e o percurso realizado por eles até retornarem a sua aldeia. Isso facilita com que o leitor em formação possa desenvolver uma leitura cronológica das ações narradas.

Além dessas, a terceira característica aponta que o foco narrativo é, geralmente, centralizado e ex-cêntrico. Essa característica, no romance histórico contemporâneo de mediação, busca evidenciar as vozes sociais que foram silenciadas, suprimidas e apagadas no processo histórico oficializado. Vale pontuar que nessa modalidade não se busca desmistificar os heróis já legitimados na historiografia, mas, sim, possibilitar que novas vozes sociais (de mulheres, de indígenas, de negros, de crianças, entre outros) ecoem e ressignifiquem o passado. Dessa forma, observa-se que na obra de Leal o foco narrativo se lança sobre os indígenas, como podemos observar a seguir:

[...] Já Anhana não tinha meio-termo. Não acreditava em nada do que os brancos diziam. Não se interessava pelos estudos, não cumpria as ordens e a todo momento

---

<sup>8</sup> Os jesuítas eram uma congregação religiosa católica, que segundo os anais da história, esteve ao lado dos colonizadores desde o início da invasão das terras brasileiras. Em 1759, os jesuítas foram expulsos do Brasil e do próprio reino de Portugal. (PEDRO; FLECK; SANTOS, 2022). Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2814>. Acesso em: 30 jul. 2022.



discutia com os pajés [*jesuítas*] ou brigava com os outros meninos. Sua revolta aprecia nos olhos vermelho de raiva, nos gritos, nos insultos aos brancos.  
- Mentirosos! Falsos! Fingidos! – urrava, sem medo, diante de quem quer que fosse.  
(LEAL, 2012, p. 43, grifos nossos).

Nesse excerto, a voz enunciadora do discurso parte de uma personagem periférica, ou seja, de um sujeito esquecido, silenciado e menosprezado pela historiografia tradicional, nesse caso os indígenas.

As produções que se inserem nessa modalidade de romances históricos, considerados críticos em relação à história tradicional, alinham-se, ainda, às ações propostas por pensadores dos continentes colonizados que buscam desenvolver na população desses países um pensamento descolonial. Segundo Mignolo (2017, p. 6),

[...] o pensamento descolonial e as opções descoloniais (isto é, pensar descolonialmente) são nada menos que um inexorável esforço analítico para entender, com o intuito de superar, a lógica da colonialidade por trás da retórica da modernidade, a estrutura de administração e controle surgida a partir da transformação da economia do Atlântico e o salto de conhecimento ocorrido tanto na história interna da Europa como entre a Europa e as suas colônias.

Essas narrativas expressam essa ideologia descolonizadora, de conscientização sobre a colonialidade do poder e seus ditames, pois engendram, em suas diegeses, os diversos atores que participaram da construção da história (indígenas, negros, mulheres) e suas visões sobre os fatos. Desse modo, esclarecem muitas lacunas deixadas pela história tradicional e jogam luz sobre alguns eventos antes encobertos por um discurso unilateral.

A seguir, a quarta característica é o emprego de uma língua amena, fluída e coloquial. De acordo com Fleck (2017, p. 110-111), “o romance histórico contemporâneo de mediação prima por uma linguagem simples e de uso cotidiano, em contraposição ao barroquismo e ao experimentalismo dos novos romances históricos e de metaficcões historiográficas”. Desse modo, essa modalidade de romance histórico possibilita uma maior aproximação entre o texto e seu leitor hodierno. Observa-se também a adaptação da linguagem histórica para uma linguagem mais contemporânea, sempre com foco na facilitação da interação entre a obra e o leitor. Na passagem a seguir, é possível constatar essa característica estabelecida por Fleck:

Em pouco tempo os brancos estarão aqui, procurando por vocês. Eles não vêm pela água, têm medo do lodo do fundo do lago, que já tragou muitos deles. Irão contorná-lo. Amanhã bem cedo chegam por aqui. Precisamos partir o quanto antes.  
(LEAL, 2012, p. 64).

Diante do exposto acima, verificamos que o texto literário de Leal se apresenta por meio de uma linguagem muito próxima do leitor contemporâneo, proporcionando uma leitura mais acessível a ele. Com isso, promove-se uma leitura mais dinâmica e fluída ao narratário.

Na sequência, outra característica observada por Fleck (2017) é o emprego de estratégias escriturais bakhtinianas. Nela se observa a presença da dialogia – uma vez que o discurso oficial dialoga com o discurso periférico –, a polifonia e a heteroglossia, ao apresentar as diversas vozes que constituem as nações, de acordo com suas particularidades e, também, da paródia, mas essa última de forma moderada, diferenciando-se das produções desconstrucionistas que a usam com



muita intensidade como, por exemplo, a metaficção historiográfica. Além disso, a intertextualidade é bastante recorrente nessa modalidade do romance histórico. Essa quinta característica é evidenciada no trecho a seguir:

Em resumo, era mais ou menos isso o que os brancos diziam. Tinham trazido os garotos ali para salvar as almas deles. Pois, caso tivessem permanecido em sua aldeia natal, iriam para o tal inferno, sem salvação. Os meninos eram livres para fazer o bem, ensinavam. E tinham que se dedicar sua vida ao bom Deus, que tudo faria por eles. [...] Todas essas informações impressionaram muitíssimo os três irmãos. Será que tudo o que tinham aprendido até então estava errado? (LEAL, 2012, p. 41).

Diante do exposto, pode ser observado a presença da dialogia por meio da voz do colonizador ao tentar incutir nos jovens autóctones seus valores e ensinamentos religiosos. Nesse fragmento, o discurso dicotômico entre céu e inferno, bem e mal, perdição e salvação, Deus e o diabo, é fomentado a fim de moralizar, intimidar, domesticar e, por fim, catequizar as personagens.

Por fim, a sexta característica destaca a presença de recursos metaficcionais. Segundo Fleck (2017, p. 111), “a utilização de recursos metanarrativos, ou comentários do narrador sobre o processo de produção da obra, dá-se [na modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação] sem que estes se constituam no sentido global do texto.” Isso pode ocorrer por meio da presença de um diálogo entre a voz enunciadora do discurso e seu narratário, por questionamentos da voz narrativa expressos na diegese ou por sutis enunciados do narrador em meio ao processo enunciativo. Tal característica é recorrente na obra, assim como podemos observar no fragmento exposto:

[...] Vamos. Vai ser bom para você.  
Quantas vezes Nauru tinha acreditado nos estrangeiros e tinha se decepcionado?  
Quantas vezes tinha sido enganado, tinha caído em armadilhas? Seria aquela mais uma? Mului parecia bem-intencionado. Mas quantas vezes sorrisos benevolentes esconderam de Nauru um destino funesto? (LEAL, 2012, p. 65).

Essa estratégia metanarrativa propicia a interação do narrador com o narratário a fim de aproximar o leitor ao discurso presente na obra. Nesse caso, é possível observar que o narrador promove questionamentos para que o interlocutor reflita ao passo que lê, tornando um processo de leitura mais consciente.

Diante da apresentação e análise da obra, por meio das características do romance histórico contemporâneo de mediação, elaboramos uma sugestão de intervenção pedagógica, baseada em “Oficinas literárias temáticas”, desenvolvida, primeiramente, por Zucki (2015, p. 71), a qual propõe a mediação da leitura por meio de quatro etapas, classificadas em: 1ª- Apresentação das obras e determinação do horizonte de expectativas; 2ª- Recepção e análise das obras; 3ª- Integração de conhecimentos culturais; e 4ª- Conclusões.

## **2 “OFICINAS LITERÁRIAS TEMÁTICAS”: UMA METODOLOGIA DE LEITURA INTERDISCIPLINAR**

Para desenvolver nossa sugestão de proposta interventiva, partimos de uma temática geral, que está centrada na seguinte enunciação: “Ressignificações da colonização brasileira: O papel dos jesuítas nesse processo histórico”. Devido à limitação de espaço nesse gênero, optamos em desenvolver apenas um Módulo, no entanto, podem ser elaborados outros Módulos para a



“Oficina”, de acordo com a série e o objetivo visado pelo professor. Esse Módulo amalgama diferentes textualidades sobre a temática geral e pode ser implementado com alunos do sétimo, oitavo e nono anos do Ensino Fundamental, com os devidos ajustes nos encaminhamentos dados às práticas de leitura pelo professor.

**Módulo I:** “Os jesuítas retratados pela literatura híbrida juvenil e outras artes.”

**Temática geral:** “Ressignificações da colonização brasileira: O papel dos jesuítas nesse processo histórico.”

**Subtemática do Módulo I:** “Os Jesuítas retratados pela literatura híbrida juvenil e outras artes.”

**Tema da Prática:** “A colonização por meio da multimodalidade textual: resignificando a narrativa oficial”.

**Textualidades utilizadas:** Narrativa híbrida de história e ficção: *Os estrangeiros* (2012), de Marconi Leal em diálogo com as seguintes textualidades: (Foto da capa ver em anexo 1)

- Obra de Victor Meireles (1860) Primeira missa no Brasil<sup>9</sup>; (ver anexo 2)
- Imagem- Esquema padrão das Reduções<sup>10</sup>
- Trecho da *Carta de achamento* (1500), de Pero Vaz de Caminha<sup>11</sup>;
- Documentário - Reduções Jesuíticas dos Guarani<sup>12</sup>
- Charge com a paródia sobre os Jesuítas<sup>13</sup> (ver anexo 2)

**Módulo 1 - etapa 1: Apresentação das obras e determinação do horizonte de expectativas:**

- Preparação do ambiente: sala com multimídia, computador com acesso à internet, ornamentação da sala com a imagem da obra de Victor Meireles e a imagem esquema padrão das reduções;

- Fazer a leitura das obras que ornamentam a sala, explorando: autor, técnica, ano em que foram produzidas, onde estão expostas.

- Dispor os alunos em semicírculo;

- Expor aos alunos sobre a temática geral das “Oficinas literárias temáticas”, centrando a atenção no Módulo I: “Os jesuítas retratados pela literatura híbrida juvenil e outras artes.”

<sup>9</sup> Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1260/primeira-missa-no-brasil>. Acesso em: 28 jul. 2022.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://atlas.fgv.br/marcos/igreja-catolica-e-missoes/mapas/esquema-padrao-das-reducoes-do-paraguai>. Acesso em: 28 jul. 2022.

<sup>11</sup> “E segundo o que a mim e a todos pareceu, a esta gente não falta outra coisa para ser toda cristã senão entender-nos, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer como nós mesmos, por onde nos pareceu a todos que nenhuma idolatria nem adoração têm. E bem creio que, se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles ande mais devagar, todos serão convertidos ao desejo de Vossa Alteza. E por isso, se alguém vier, não deixe logo de vir clérigo para batizá-los, porque já então terão mais conhecimento de nossa fé, pelos dois degredados que aqui eles ficam, os quais hoje também comungaram” CAMINHA, Pero Vaz. Apud. TUFANO, Douglas. A carta de Pero Vaz de Caminha: comentada e ilustrada. São Paulo: Moderna 1999. p. 59.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W2qnjZTrlqk>. Acesso em: 28 jul. 2022.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://brainly.com.br/tarefa/26526992>. Acesso em: 28 jul.



- Pedir aos alunos que comentem sobre o que conhecem a respeito do jesuítas no Brasil: Quem eram? Quando vieram? Qual o objetivo da presença desses missionários? O que fizeram aos indígenas?

## **Módulo 1 - etapa 2: Recepção e Análise das obras:**

- Assistir ao documentário “Reduções Jesuíticas dos Guarani”.

- Solicitar aos alunos que escrevam qual o objetivo dessas construções para a colonização do Brasil.

- Após, entregar um trecho da *Carta de achamento* (1500), de Pero Vaz de Caminha em que o autor demonstra ao rei de Portugal a intenção de converter os nativos à religião católica, relatando que eles não professavam nenhuma fé.

- Apresentar a charge com a paródia sobre os Jesuítas;

- Dialogar com os alunos sobre o método indígena em transmitir histórias sobre seus antepassados pelo meio oral aos jovens. Discutir sobre a relação de compensação entre duas partes, onde cada uma realizou uma concessão de um bem precioso. O processo de imposição cultural europeia sobre as populações nativas do continente americano.

- Apresentar a capa da obra *Os estrangeiros* (2012), de Marconi Leal.

- Pedir aos alunos se eles conhecem a obra e o autor, e sobre o que eles imaginam que trata a obra.

- Questionar aos alunos quem eles julgam que são “*Os estrangeiros*”, referidos no título da obra.

- Entregar uma cópia dos capítulos 1 a 8 para leitura em sala de aula e incentivá-los à leitura dos demais capítulos para a próxima atividade da “Oficina”, quando será discutida, em grupos, a sequência das ações que compõem essa obra.

- Discutir sobre a leitura dos oito primeiros capítulos da obra *Os estrangeiros* (2012), de Marconi Leal.

- Solicitar que os alunos escrevam como o autor descreve os comandantes das reduções jesuítas? Como os nativos sentiam-se nesse lugar?

- Solicitar que os alunos localizem, nos capítulos lidos da obra, se os nativos tinham alguma crença? O que pensavam sobre a imposição da religião dos brancos?

- Separar a turma em grupos para discussão sobre os outros sete capítulos da obra.

- Solicitar que cada grupo busque, na obra, fragmentos que retratam os seguintes tópicos: As personagens protagonistas permaneceram nas reduções jesuíticas? Elas mudaram suas crenças e foram convertidas para a religião cristã?

## **Módulo 1 - etapa 3: Integração de conhecimentos culturais:**

- Perguntar aos estudantes se eles possuem alguma religião e qual?

- Solicitar aos alunos que pesquisem sobre as diferentes religiões presentes hoje na sociedade brasileira e a porcentagem da população que pertence a cada uma delas.

- Confecção de maquetes de uma das reduções jesuíticas.



## Módulo 1 - etapa 4: Conclusões:

- Avaliação coletiva oral do trabalho realizado, expondo os aspectos que mais gostaram e se as atividades realizadas contribuíram para a ampliação dos seus conhecimentos, para o prazer da leitura e a expansão da experiência leitora;

- As respostas encontradas nas pesquisas, na etapa anterior, devem ser apresentadas ao grande grupo nesse momento da “Oficina” e as comparações entre as respostas podem gerar reflexões sobre a influência, nos dias atuais, desse processo de aculturação sofrido pelos autóctones.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Vislumbramos uma grande potencialidade de formação leitora para os estudantes do Ensino Fundamental nas produções híbridas de história e ficção do âmbito da literatura juvenil que se aproximam à modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação. Elas podem ser, também, elos interdisciplinares no trabalho docente escolar, onde a formação de leitores deve ocupar um espaço primordial entre todas as áreas do conhecimento. Assim, podemos estabelecer relações entre o ensino de literatura com o ensino de história e promover o que consideramos a meta do ensino da leitura na educação básica: a formação do leitor conscientizado sobre o poder das palavras e a possível manipulação da linguagem.

Um leitor assim conscientizado, na concepção que adotamos, é aquele capaz de compreender as possibilidades de manipulação de um signo linguístico, as quais são potencializados quando o material de leitura utilizado é o texto literário. Isso se dá, justamente, pela característica polissêmica do texto literário.

É no texto literário que encontramos essa linguagem que extrapola o sentido literal da palavra, e, portanto, o horizonte de formação da consciência se amplia. É essa característica polissêmica do texto literário que o diferencia, assim como seu processo de leitura, de todas as demais produções textuais.

Consideramos essas narrativas híbridas de história e ficção uma alternativa muito viável para um projeto de leitura a ser desenvolvido no espaço institucional das escolas do Ensino Fundamental, pois, tais obras podem ser utilizadas tanto nas aulas de literatura quanto, também, na área de história para oferecer aos estudantes novas fontes para problematizar e ressignificar o passado do nosso país.

## REFERÊNCIAS

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

FLECK, Gilmei Francisco. **O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção**. Curitiba: CRV, 2017.

FLECK, Gilmei Francisco. Quando as palavras saltam à vida, geram sentidos e criam consciência, forma-se um leitor: ler além dos signos – experienciar a arte constituída de palavras. **Revista ENTRELETRAS** (Araguaína), v. 10, n. 2, jul/dez 2019.



LEAL, Marconi. **Os estrangeiros**. PNLD Literário. Ilustrações de Dave Santana. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

LUFT, Gabriela. *A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências*. Artigo científico: **SciELO**, 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/elbc/n36/2316-4018-elbc-36-111.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

MARTINS, Maria Helena. **O Que é Leitura**. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994

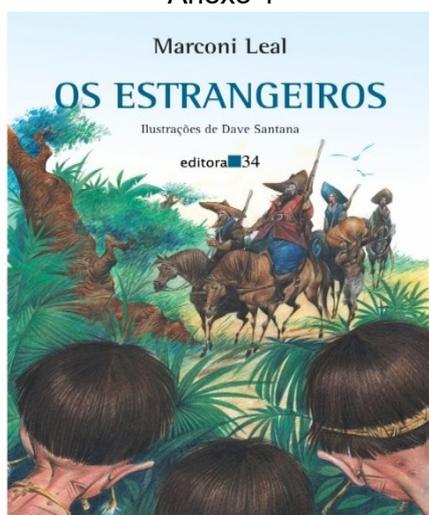
MENDONZA FILLOLA, Antonio. **Literatura comparada e intertextualidad**. Madrid: Editorial La Muralla, S.A., 1994.

MIGNOLO, Walter. **Colonialidade e o lado mais escuro da modernidade**. Tradução de Marco Oliveira Duke University, Durham, NC, EUA. E-mail: [wmignolo@duke.edu](mailto:wmignolo@duke.edu). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro – RJ, Brasil. E-mail: [marco.alexandre@live.com](mailto:marco.alexandre@live.com). DOI 10.17666/329402/2017 REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - Vol. 32 n° 94.

PEDRO, Fernanda Sacomori Candido; FLECK, Gilmei Francisco; SANTOS, Vilson Pruzak dos Santos. Os estrangeiros (2012), de Marconi Leal: a formação do leitor literário consciente - entre a história e a literatura (p. 666-681). In: **Literatura, História e Memória: diálogos e reflexões**. Revista de Letras Juçara. v. 6. n. 1, 2022. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2814>. Acesso em 30 jul. 2022.

ZUCKI, Renata. **Letramento literário: práticas de leitura do texto literário nos anos iniciais do ensino fundamental**. 159 f Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2015.

#### Anexo 1



#### Anexo 2



Primeira Missa no Brasil, 1860

Victor Meirelles

Óleo sobre tela

268,00 cm x 356,00 cm

### Anexo 3



Fonte: <https://brainly.com.br/tarefa/26526992>